

ESTRESSE OCUPACIONAL EM PROFESSORES DA REDE MUNICIPAL DE FLORESTA-PE NA PANDEMIA DA COVID-19

OCCUPATIONAL STRESS IN TEACHERS OF THE MUNICIPAL NETWORK OF FLORESTA-PE IN THE COVID-19 PANDEMIC

Simara Raiana de Souza Gomes¹

Liberalina Santos de Souza Gondim²

RESUMO: O estresse ocupacional está relacionado aos aspectos do ambiente em que o indivíduo está inserido, impactando as realizações das atividades. O presente estudo tem por objetivo investigar a incidência do estresse ocupacional em professores de ensino fundamental II da rede municipal de Floresta-PE durante a pandemia da covid-19, frente as mudanças nos processos de ensino. Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo com uma amostra de 15 professores. Foi utilizado como instrumentos questionários sociodemográficos e sobre o ensino remoto, como também aplicação da Escala de Estresse no Trabalho (EET). Uma pesquisa aplicada via internet respeitando o distanciamento social. Ao analisar os dados foi perceptível que houve mudanças nos processos de ensino, como: a dificuldade em acompanhar o aluno a distância, de acesso e utilização dos recursos tecnológicos e falta de capacitação, ocasionando desafios ao lecionar as aulas. Observou-se que dentre os 15 participantes quatro apresentaram nível elevado de estresse e três níveis moderados. Além disso, quatro participantes obtiveram score três nos itens referentes a competição e a insatisfação com seus superiores. Por fim, evidencia-se a necessidade de estudos no âmbito estadual e nacional sobre o assunto para o desenvolvimento de estratégias de saúde ocupacional e otimização do ensino remoto.

Palavras-chave: Ensino remoto. Estresse Ocupacional. COVID-19.

ABSTRACT: The occupational stress is related to features of the environment which entangles the activities of workers. The presente study aimed to measure the occupational distress of teachers who Works at elemental schools from Floresta-PE during Covid-19 pandemic. This study is an qualitative approach with 15 teachers as a sample. Occupational distress was measured by the Escala de estresse no trabalho (EET) and Social backgrounds Questionnaires were also applied as well. Data showed that the changes throughout the teaching processes were noted by the teachers, examples was described as: the difficult of educational follow-up remotely, the difficult for access and use technological devices for education led difficulties for teaching. It was observed that 4 subjects scored higher levels of stress while 3 participants scored higher at items related to competition and dissatisfaction related to their superiors. Thus, this study highlighted the need of studies about the occupational distress among teachers and discussed about the strategies of occupational health and remote teaching optimization.

Keywords: Remote Teaching. Occupational stress. covid-19.

1 INTRODUÇÃO

Ao final do ano de 2019 um novo vírus foi identificado na China, na cidade de Wuhan (SARS-CoV-2) que ficou mundialmente conhecido por COVID-19. Sua transmissão é através do contato entre pessoas no mesmo ambiente, o que caracteriza uma fácil proliferação. Seu quadro clínico pode variar em dois aspectos: infecções assintomáticas e a síndrome respiratória grave, necessitando de ventilações respiratórias (BRASIL, 2020). O novo vírus trouxe impactos para o mundo do trabalho, em que segundo

a Organização Internacional do Trabalho (OIT) no que se refere à economia global, muitas empresas e instituições fecharam por medida de segurança para não proliferação do vírus. Além disso, cidades adotaram medidas sanitária de proteção através de quarentena e *lockdown*, de modo que o medo e as incertezas nas pessoas se intensificaram (OIT, 2020).

No Brasil o Ministério da Educação (MEC) suspendeu as aulas como forma de proteção aos indivíduos por tempo indeterminado, substituindo aulas presenciais por meio de digitais. (BRASIL, 2020a). Nas normativas da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) “Art 32, § 4º O ensino fundamental será presencial, sendo o ensino a distância utilizada como complementação da aprendizagem ou em situações emergenciais” (BRASIL, 1996, p.11). Nesta perspectiva muitos docentes foram surpreendidos com a mudança de metodologia de ensino.

Souza et al. (2020, p.5) relata os efeitos do ensino remoto em situações emergenciais.

A aula remota é um terreno sobre o qual docentes do ensino fundamental tinham pouco domínio, vendo-se inesperadamente obrigados a repensar seus processos de trabalho por ambiente virtual e por plataformas de videoconferência que, até então, estavam restritas ao ensino superior.

Os professores foram obrigados a se adaptar a uma nova forma de ensino, através de multimídias tecnológicas disponível no contexto docente e discente, buscando se reorganizar em seus ambientes domésticos, dividindo o espaço entre as obrigações do trabalho e os afazeres do seu lar, de modo que a atenção destes educadores ficou dividida em dois modos de atividades: profissional e familiar. Assim, o isolamento social tem proporcionado mal-estar individual relacionando ao trabalho. (SOUZA et al., 2020).

Segundo Rossi (2007 apud VISENTINI, et al 2009), as alterações ambientais no trabalho fazem com que o indivíduo passe a perceber o trabalho como ameaça pessoal, prejudicando a realização profissional, a saúde mental e física, ocorrendo pressões psicológicas, que são riscos para o desenvolvimento do estresse, derivado das relações ambiente-trabalho, além de manifestações de ansiedade e tristeza.

O estresse se configura por disfunções designadas por queixas psicológicas e físicas, que podem levar a uma total incapacidade de responder as exigências do ambiente, caracterizando-se, em três fases: na primeira fase alerta, em segunda a resistência e sua terceira fase a exaustão, que inclui aspectos como ao esgotamento intelectual, além de características patológicas físicas e mentais como hipertensão, diabetes, depressão, ansiedade, etc. (LIPP, MALAGRIS, 1995 apud FERREIRA; PENIDO 2013). O estresse ocupacional na sua conceituação está relacionado ao processo de percepção das exigências ambientais no trabalho, podendo surgir aspectos estressores que resultam em características negativas referentes às situações vivenciadas e enfrentadas pelo indivíduo. (PASCHOAL & TAMAYO, 2004).

Segundo Jex. et al (1998 apud PASCHOAL & TAMAYO, 2004) a definição do estresse ocupacional se configura em três tipos de aspectos: (1) estímulos estressores: nos quais os estímulos do ambiente de trabalho exigem do trabalhador respostas adaptativas e habilidades novas (*coping*), definindo assim,

estímulos estressores organizacionais; (2) respostas emitidas as ocorrências estressoras: quando exposto em atividade que excedem as suas agilidades de enfrentamento, o estresse ocupacional pode se consagrar em repostas psicológicas, comportamentais e fisiológicas; (3) estímulos estressores-respostas: o estresse ocupacional relacionado as demandas do trabalho e suas exigência, tendo uma proporção de impacto nos trabalhadores.

O estresse ocupacional e estresse organizacional pode se diferenciar em dois tipos de estudos: aqueles em que o estresse ocupacional é relacionado aos aspectos ambientais do trabalho, e aqueles que consideram estresse em geral, os aspectos gerais com fatores vinculados à vida do indivíduo. Além disso, estresse ocupacional pode se manifestar de duas maneiras, positiva ou negativa, sendo aspectos negativos que emitem consequências e sintomas estressores prejudiciais ao organismo, denominando *strain*, e pode ser considerado positivo quando o indivíduo não percebe que excesso de trabalho pode ser prejudicial, mas nas perspectivas de estimulantes para suas ações (PASCHOAL & TAMAYO, 2004).

Um estudo realizado por Claro (2009), sobre o estresse em docente, com uma amostra de 221 professores em 18 escolas de Curitiba-PA, utilizando o instrumento *Inventário de Sintomas de Estresse* para adultos (ISSL), desenvolvida e validada por Lipp (2000) Apud Weber (2015), demonstrou que do total geral dos docentes avaliados, 63% apresentaram estresse.

O estresse pode surgir quando o indivíduo fica impossibilitado de atingir seus objetivos, de modo a gerar respostas negativas, como: comportamentos irregulares, agressividade e esquiva das atividades de modo a impactar enquanto a qualidade de vida do professor, prejudicar a saúde e interferir na metodologia e qualidade de ensino (WEBER et al., 2015).

No que se refere as mudanças no contexto educativo durante a pandemia, as suspensões das aulas presenciais do ano letivo de 2020 em função da COVID-19, não significava férias ou afastamento do contexto escolar. Sendo assim, com as medidas de segurança na pandemia, as aulas e as atividades deveriam acontecer por meios digitais, o ensino remoto (SARAIVA et al., 2020).

Os conceitos Educação à Distância (EAD) e ensino remotos, tem significados diferentes, de modo que o ensino remoto é marcado pela simulação do tempo real com videoconferências ou vídeo gravado, o professor estará sempre disponível para que sejam tiradas as dúvidas, com cronograma mais flexível, em que suas avaliações são de acordo com o ensino oferecido ao corpo discente, centrado no professor. Já na Educação à Distância, as aulas são gravadas pelo professor e mediadas por um tutor suporte, contam com cronograma e avaliações padronizadas, com características autoinstrucionais (IPOG, 2020).

No ensino remoto, é determinado horário para o ensino via videoconferência, de modo que alunos e professores terão que estar conectados para serem cumpridos os horários estabelecidos em cada disciplina. Porém, muitas escolas, principalmente as públicas têm usado mecanismo de ensino “escolarização à domicílio” de maneira assíncrona, em que o docente planeja atividades impressas e complementa com vídeos relacionados a disciplina, e logo após faz a entrega das atividades aos responsáveis dos alunos para que seja feita sua execução. Porém, por muitas vezes, torna-se difícil

realizar uma videoconferência com todos os alunos conectados nos mesmos horários, mesmo assim, essa tem sido, por sua maioria, uma estratégia utilizada por várias escolas e professores (SARAIVA et al., 2020).

Cada vez mais as Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação estão inseridas nas práticas sociais. Porém, nas escolas sempre houve dificuldade de implementações dessas tecnologias. (PAES & FREITAS, 2020). Em tempo de pandemia, o quantitativo de profissionais da educação sem formação, planejamento e sem equipamentos adequados para lecionar aulas via vídeo conferências é bem significativo, principalmente aqueles que atuam em Educação Básica, na qual muitos alunos e familiares não possuem tecnologia adequada para assistir as aulas, o que por muitas vezes acaba gerando ansiedade e estresse devido ao trabalho, ou seja, uma docência preocupada e exausta em tempos de incerteza, mas sempre buscando o melhor. (SARAIVA et al., 2020).

As exigências no ambiente de trabalho podem provocar no professor respostas no organismo, como estado de cansaço mental e nervosismo, o que torna necessário estudos empíricos e investigações das questões de saúde e em relação ao estresse ocupacional no campo de trabalho (PEREIRA et al., 2014). Com base na literatura, antes da pandemia estudos já mostravam e comprovavam cansaço mental e estresse nos docentes, e que é possível que diante deste contexto atual, hajam agravos a saúde do trabalhador da educação, na utilização de aulas remotas que antes não era vista na educação básica, em que buscaram se reinventar no processo de ensino que a falta de formação ao docente não foi proporcionada adequadamente.

Tendo em vista, o contexto pandêmico da COVID-19, o objetivo desta pesquisa é investigar a incidência do estresse ocupacional em professores de ensino fundamental II da rede municipal de Floresta-PE durante a pandemia da covid-19 frente as mudanças nos processos de ensino. Além disso, buscou-se como objetivos específicos analisar os aspectos estressores presentes na rotina de aulas remotas e identificar as estratégias utilizadas pelos professores para lidar com os estressores do trabalho.

Neste sentido, este artigo propõe-se a investigação de aspectos, como: a falta de capacitação do uso de ferramentas tecnológicas na administração de aulas remotas, as exigências de se reinventar no ensino, através da tecnologia, para se adaptar à realidade das famílias e as dificuldades em organizar a rotina e separar o contexto de trabalho do familiar, tendo em vista o *home office*.

2 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado na cidade de Floresta-PE, que fica localizada no sertão de Pernambuco, e conta com uma população de 31. 809 habitantes. A amostra desse estudo foi composta por 15 professores da rede municipal que lecionavam suas aulas no ensino Fundamental II. Foi utilizado um

método de relato de pesquisa descritiva, com técnica quantitativa, através da aplicação de questionários semi estruturados e uma escala de medidas, no período de fevereiro a abril de 2021.

Foram convidados inicialmente os professores do ensino Fundamental II, que são 48 docentes, mas apenas 15 aceitaram participar do estudo. Com os questionários respondidos, foi realizada uma análise dos dados obtidos e suas respectivas discussões. A amostra foi selecionada de modo não probabilístico, por conveniência. Assim, os critérios de inclusão englobaram professores que lecionavam suas aulas no ensino fundamental II da rede municipal de Floresta-PE que consentiram em participar do estudo. Foram excluídos professores realocados para outras funções no ambiente escolar e readaptados.

Diante da impossibilidade de encontro presencial com os professores, devido a pandemia, o meio utilizado para a coleta de dados foi virtual, através de uma plataforma de questionários do Google, o Google Forms. Foi solicitada a secretária de educação do município a autorização para a realização do estudo a partir da entrega de uma carta de anuência.

Após aceitação da secretária, foi solicitado os contatos de e-mail e telefone dos docentes que lecionam suas aulas no ensino fundamental II. Porém, a secretaria de Educação de Floresta-PE encaminhou apenas os números de telefones dos profissionais, inicialmente foi enviado via *Whatsapp* em formato de Word aos participantes Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) em que eles teriam que assinar e encaminhar de volta aos pesquisadores, e logo depois teriam acesso aos questionários, mas diante da baixa adesão dos professores, foi necessário pensar em uma nova estratégia. O procedimento foi modificado, inserindo o TCLE no google forms junto com instrumentos da pesquisa. A pesquisa foi divulgada por meio do aplicativo de conversa (*whatsapp*), utilizando um card informativo com a apresentação do tema, objetivos da pesquisa e o link de acesso ao TCLE, questionários e escala, para participação dos professores, respeitando-se um prazo de 07 dias para o participante responder e o pesquisador obter os dados.

No questionário sociodemográfico, elaborado especificamente para esta pesquisa, foram coletados dados pessoais dos docentes, como: sexo, estado civil, período de trabalho e exercício da profissão. Além disso, foi elaborado um questionário semiestruturado sobre o modelo de aulas remotas no período de pandemia e as facilidades ou dificuldades dos professores nesse formato de ensino. Por fim, foi aplicado o instrumento: Escala de estresse no trabalho (EET) com 13 itens com uma escala *likert* de 5 pontos, variando entre 1 (discordo totalmente) e 5 (concordo totalmente), sua aplicação é de fácil interpretação, desenvolvida e validade por Paschoal & Tamayo (2004).

Foram feitas análise quantitativa da escala de medidas e dos questionários, utilizando-se estatística descritiva. A pesquisa foi realizada após aprovação do comitê de ética de psicologia, através do protocolo de nº 4.487.778, respeitando os princípios, normas e diretrizes da resolução nº 466/12 na perspectiva de ser uma pesquisa com seres humanos.

As pesquisadoras estiveram disponíveis para um possível espaço de acolhimento, em intervenções psicossociais, caso os participantes se sentissem desconfortáveis com alguma pergunta, destrinchando que a qualquer momento poderia desistir, respeitando a sua escolha, e que seria sigilosa a sua identidade pessoal, mas nenhum participante precisou. Além disso, os participantes foram orientados sobre a importância dos seus direitos, existindo também a probabilidade de o participante não aceitar ou desistir, sendo respeitado e mantido em sigilo a sua identidade.

3 RESULTADOS

Os resultados apresentados a seguir têm o propósito de responder aos objetivos estipulados no início da pesquisa, que buscou investigar a incidência do estresse ocupacional em docentes do município de Floresta-PE que lecionam no ensino fundamental II em decorrência dos processos de mudanças do ensino durante a pandemia da COVID-19. Os dados analisados são específicos dessa realidade, mas não são representativos da totalidade de professores do município, de modo que não podem ser generalizados. A tabela 1 representa a quantidade de participante, média de idade e gênero.

GÊNERO	QUANTIDADE	PERCENTUAL %	MÉDIA DE IDADE
Feminino	10	66,67%	37,1
Masculino	5	33,33%	41,6
Total	15	100,00%	38,6
Geral			

Fonte: Dados dos pesquisadores

Tabela 1- Quantidade de participantes e média de idade

De maneira geral, os participantes de gênero masculino apresentaram idade mais elevada do que as participantes de gênero feminino, de modo que os primeiros totalizaram cinco participantes com média de idade de 41,6 anos, e as segundas, 10 participantes com uma média de idade de 37,1 anos.

Sobre o tipo de vínculo de trabalho dos profissionais investigados, evidenciou-se que 4 (26,7%) mulheres e 3 (20%) homens são concursados e 6 (40%) mulheres e 2 (13,3%) homens são contratados pelo município, havendo percentual maior de contratados, 53,3%, do que de efetivos, 46,7%. No que diz respeito as questões salariais, mais de 50% dos participantes apresentaram uma média salarial de um a três salários mínimos, correspondendo a quatro homens e quatro mulheres. De três a seis salários mínimos houve um índice maior de mulheres (4) em relação a homens (1). E com até um salário mínimo, foi apenas apontado duas mulheres.

MÉDIA SALÁRIAL	PERCENTUAL %
Até 1 salário mínimo (até R\$ 1.045,00)	13,30%
De 1 a 3 salários mínimos (de R\$ 1.045,00 até R\$ 3.135,00)	53,30%

De 3 a 6 salários mínimo (R\$ 3.135,00 até R\$ 6.270,00)	33,30%
Total Geral	100,00%

Fonte: Dados dos pesquisadores
Tabela 2 - Média salarial dos participantes

Foi perguntado aos participantes se já tiveram algum problema de saúde e se precisaram se afastar por tal problema. O maior quantitativo de respostas relata que não tiveram problemas de saúde 80%, e 20% que tiveram. Um dado a ser considerado entre os participantes, pois os mesmos valores equivalem a pergunta realizada sobre se precisou se afastar, em que três participantes responderam sim. A tabela 3 apresenta a porcentagem de participantes que já tiveram algum problema de saúde.

GÊNERO	Não	Sim	Total Geral
Feminino	60,00%	6,67%	66,67%
Masculino	20,00%	13,33%	33,33%
Total Geral	80,00%	20,00%	100,00%

Fonte: Dados dos pesquisadores
Tabela 3 - Incidência de problemas de saúde

Sobre a metodologia utilizada para o ensino remoto, destacaram-se o uso de vídeos didáticos, exploração de conteúdos e uso de ferramenta de *Power Point* no ensino remoto, aumentando a utilização das tecnologias, devido ao afastamento físico do aluno. A tabela 4 mostra a porcentagem de professores que relataram mudança nas formas de ensino com a pandemia.

GÊNERO	MODIFICAÇÃO DO ENSINO		DIFICULDADE EM MANTER A ATENÇÃO DO ALUNO		PROBLEMA COM A INTERNET	
	Não	Sim	Não	Sim	Não	Sim
Feminino	13,3 3%	53,3 3%	33,3 3%	33,3 3%	6,67 0%	60,0 0%
Masculino	0,00 %	33,3 3%	0,00 %	33,3 3%	20,0 0%	13,3 3%
Total Geral	13,3 3%	86,6 7%	33,3 3%	66,6 7%	26,6 7%	73,3 3%

Fonte: Dados dos pesquisadores
Tabela 4 - Ensino modificado com a pandemia

Ao observar a tabela, verifica-se que com o contexto pandêmico, a metodologia de ensino da maioria dos docentes foi modificada (86,67%), passando a ter um contato com o aluno por meio de vídeos, por um tempo médio de um ano. Isso mostra que, desde do início da pandemia até o momento atual uma quantidade significativa de professores ainda utiliza o ensino remoto.

Para a utilização do ensino remoto com qualidade, foi questionado se tiveram algum treinamento para o manuseio das ferramentas digitais, de modo que 66,67% apontaram que sim e

33,33% que não. Sobre este treinamento, cinco participantes do sexo feminino e quatro do sexo masculino afirmaram que receberam, relatando que foi custeado pela secretaria de educação de Floresta-PE. Três professoras apontaram que não tiveram treinamento sobre o uso da tecnologia em situações emergenciais, e os outros três participantes preferiram não relatar, assim, compondo um total de 6 participantes insatisfeitos. E dentre estes 6 participantes apenas uma professora, para lidar com a situação, recorreu a vídeos tutoriais, dicas dos filhos.

Os dados mostram as dificuldades para lecionar as aulas e manter a atenção do aluno. Ao observar os dados, 66,67% (f=10), dos professores participantes sentiram dificuldades em lecionar suas aulas via ensino remoto, seis participantes do gênero feminino relataram que foi devido a fatores como: falta de equipamento adequado por parte do professor e dos alunos, as condições socioeconômicas dos alunos, pois, alguns apresentavam-se sem acesso à internet, e o baixo interesse por parte dos discentes. Já os quatro participantes do sexo masculino sentiram suas dificuldades devido a fatores, como: a dificuldade de saber se o aluno está presente, falta dos materiais necessários, a impossibilidade de receber o *feedback* do aluno em relação ao que está sendo explicado. Porém, cinco professores preferiam não relatar suas dificuldades. Neste sentido, os professores em total de 10 sentiram dificuldades para lecionar as aulas e manter atenção dos discentes no contexto pandêmico.

Em geral, os docentes tiveram uma boa conexão com a internet para se conectar com o aluno. Porém, esta realidade não se adequa aos alunos, pois, como exposto pelos os respectivos profissionais, os alunos não possuem tecnologia suficiente para assistir as aulas. Desta maneira, o professor parece não ter condições suficientes para administrar uma boa qualidade de ensino. Estes aspectos podem favorecer a incidência de estresse no processo de ensino. Os dados obtidos mostram que 80,00% dos participantes tiveram que buscar novas estratégias para se adequar a realidade dos alunos, como: envio de blocos de atividades e entrega de atividades na própria escola para serem entregues as famílias.

Além disso, os profissionais tiveram que se adaptar ao *home-office*, conciliando com os afazeres domésticos. A interpretação dos dados mostrou que foi muito difícil a sua adaptação, principalmente na organização do tempo, de modo que um participante recebeu ajuda dos demais familiares do ambiente doméstico, e dois ainda estão no processo de adaptação e os demais buscaram estratégias de criar uma rotina. Neste contexto, 60% dos participantes apontaram que a carga horária oficial do trabalho foi modificada com o *home-office*, dos quais 80% sentiu necessidade de se dedicar fora do horário de trabalho, mostrando assim que pode ter sido um processo exaustivo para estes docentes.

O aumento no nível de estresse percebido com o formato de ensino remoto foi relatado por 80,00% dos profissionais, pois tiveram que se adaptar a uma realidade que antes não era utilizada pelos os respectivos profissionais. O medo, a insegurança com aulas online, o cansaço, foram alguns dos relatos de 07 participantes. Porém, 08 professores não responderam a esta pergunta. Além disso, 60% sentiram algum tipo de ansiedade com ensino remoto, em que os sintomas foram descritos por: tremores, falta de apetite, falta de concentração, e insônia, relatado por 3 participantes, mas a exaustão

foi descrita por 60% dos participantes. Os dados mostram que 40% dos participantes buscaram algum método de relaxamento, e 60% não. Com relação ao gênero, apenas um homem utilizou algum método para relaxar, enquanto dentre as mulheres metade disse ter utilizado. Entre os métodos, destacam-se: caminhar, meditar, e assistir filmes foram alguns pontos relatados por 07 participantes. Mais uma vez, 08 professores preferiram não relatar quais métodos utilizados.

No que diz respeito a medida do nível de estresse dos professores, a tabela 5 a seguir mostra as médias e os desvios-padrões das respostas de cada item da versão reduzida da Escala de Estresse no Trabalho (PASCHOAL; TAMAYO, 2004).

Afirmativas		Média	Desvio Padrão
1.	A forma como as tarefas são distribuídas em minha área tem me deixado nervoso	2,0	1,2
2.	A falta de autonomia na execução do meu trabalho tem sido desgastante	2,0	0,9
3.	Tenho me sentindo incomodado com a falta de confiança de meu superior sobre meu trabalho	3,0	2,8
4.	Sinto-me irritado com a deficiência na divulgação de informações sobre decisões organizacionais	2,5	1,2
5.	Sinto-me incomodado por ter que realizar tarefas que estão além de minha capacidade	1,6	1,2
6.	Tenho me sentido incomodado com a deficiência nos treinamentos para capacitação profissional	1,8	0,5
7.	Fico de mau humor por me sentir isolado na organização	1,8	1,1
8.	Fico irritado por ser pouco valorizado por meus superiores	3,0	3,0
9.	As poucas perspectivas de crescimento na carreira têm me deixado angustiado	2,1	1,6
10.	Tenho me sentido incomodado por trabalhar em tarefas abaixo do meu nível de habilidade	2,1	2,0
11.	A competição no meu ambiente de trabalho tem me deixado de mau humor	3,0	2,7
12.	A falta de compreensão sobre quais são minhas responsabilidades neste trabalho tem causado irritação	2,5	1,7
13.	O tempo insuficiente para realizar meu volume de trabalho deixa-me nervoso	2,1	0,8
Total		2,2	0,7

Fonte Paschoal, Tamayo (2004)

Tabela 5 - Escala de Estresse no Trabalho

O baixo nível de estresse está em um intervalo de média abaixo de 2,5 pontos, apontando nenhum estresse, o estresse moderado está igual a 2,5 pontos, e alto nível de estresse está acima de 2,5 (PASCHOAL; TAMAYO, 2004). Com base na média geral de 2,2 dos participantes com desvio-padrão de 0,7 pode-se considerar, através dos níveis da escala, que os professores participantes estão, em geral, em um abaixo de nível de estresse.

Ao analisar os escores individuais dos professores, observou-se que um total de quatro participantes apresentaram nível elevado de estresse, com *scores* acima de 2,5, assim sendo, três

mulheres tiveram scores de 2,7; 2,8; e 5 pontos, e um homem apresentou score de 2,8. Estes professores também relataram no questionário sintomas estressores, ansiedade, insônias e as dificuldades com os mecanismos tecnológicos. Em relação ao nível moderado de estresse, dois homens tiveram pontuações de 2,5 e uma mulher com score de 2,5 apresentaram nível moderado de estresse, com pontuação de 2,5 na escala de estresse. Assim, 7 participantes apresentaram scores altos ou moderados de estresse. Os demais participantes, em um total de 8, tiveram scores entre 1,3 e 2,0 pontos, apresentando baixo nível de estresse.

Com isto, dos participantes, apenas quatro apresentaram score de 3,0 pontos nos itens 03 “Tenho me sentindo incomodado com a falta de confiança de meu superior sobre meu trabalho”, 08 “Fico irritado por ser pouco valorizado por meus superiores” e 11 “A competição no meu ambiente de trabalho tem me deixado de mau humor” da escala de estresse ocupacional. Os scores elevados nesses itens demonstram insatisfação com os superiores e a competição entre os colegas.

4 DISCUSSÃO

Um dos aspectos que chamaram atenção durante a execução deste estudo foi a baixa adesão dos professores, apesar da ampla divulgação do estudo. Entende-se que no momento pandêmico, muitos docentes não aceitaram participar da referida pesquisa, ou não a consideraram prioridade diante de outros compromissos, havendo grande dificuldade de comunicação, uma vez que houve mudança de gestão no Município, de modo que foi necessário a reapresentação da carta de anuência e objetivos do estudo, assim como um diálogo com os novos gestores e coordenadores para instrução da participação dos professores na pesquisa.

Contudo, os resultados do estudo demonstram que os participantes sentiram dificuldades expressivas com o modelo de ensino imposta pela pandemia. A relação e comunicação com o aluno, utilizando o ensino remoto, foi desafiador, com incidências de estresse por a falta de tecnologia adequada para que as aulas fossem conduzidas, pois a conexão de muitos não contribuiu. Em relação a este aspecto, faz-se relevante mencionar que a prefeitura Municipal de Floresta-PE, no ano de 2021, sancionou a lei nº 850/2021 intitulada Programa Professor Conectado que aponta “Art. 1º § 1º Durante a período que trata o *caput* desta Lei, o professor em regência fará jus a uma ajuda de custo no valor de R\$ 70,00 (setenta reais)” (Floresta-PE, 2021, s/p.). Deste modo, enquanto durar a pandemia e as aulas presenciais estiverem suspensas, o professor fará jus ao valor, de modo que este programa é um apoio ao professor que está lecionando suas aulas.

Porém, ressalta-se que esta lei foi sancionada cerca de um ano depois do início da pandemia, ficando os professores sem apoio financeiro durante o ano de 2020. Assim, os dados relatados neste estudo sobre a boa qualidade de conexão dos professores, não encontra uma relação direta com o

suporte financeiro por parte do município. Além disso, tal apoio favorece aos professores, mas não resolve o problema de conexão e de acesso aos dispositivos tecnológicos por parte dos alunos, impossibilitando o professor conduzir os processos de ensino aprendizagem.

De acordo com o uso da tecnologia, os docentes afirmaram que a falta de tecnologia adequada foi um desafio para os mesmos. Este dado é corroborado por outros estudos que evidenciam entre as dificuldades no uso das tecnologias, destaca-se a falta de recursos adequados (SANTOS, 2020). Assim, antes do contexto pandêmico já visualizava as dificuldades com o uso da tecnologia da educação (FLORES et al., 2017), que se persistiram com a pandemia da COVID-19 (HONORATO, et al., 2020).

Além disso, com o contexto de pandemia, a metodologia de ensino da maioria dos professores participantes deste estudo foi modificada (86,67%), de modo que o aumento no nível de estresse percebido com o formato de ensino remoto foi relatado por (80,00%) dos profissionais, pois tiveram que se adaptar a uma realidade que antes não era utilizada por os mesmos, administrando o *home-office* com os afazeres domésticos. Seguindo esta linha, o estudo de Santos et al. (2021) demonstra que com o contexto pandêmico, além das funções pedagógicas, os professores em exercício precisaram se adaptar e aprender sozinhos o uso das tecnologias, modificando seu contexto domiciliar para torna-los espaço de gravações de vídeos didáticos. Nesta semelhança, o estudo de Diehl e Marin (2016) mostra que em estudos realizados com professores, os contextos de ensino fundamental e médio são as que têm mais contato com ambientes que tendem a serem conflituosos, havendo dificuldades no interesse dos alunos, pouco acompanhamento das famílias no ambiente escolar o exercício de papéis extraclasse, estando sujeitos ao estresse ocupacional. Assim, o conjunto de estressores ambientais e de demandas ocupacionais, podem ocasionar o avanço do estresse, de modo que um dos fatores de risco é o conflito dinâmico entre trabalho e família (RIBEIRO, 2020).

Diante dos sintomas de estresse, neste estudo 07 participantes descreveram que o medo, a insegurança com aulas online, o cansaço, e a ansiedade foram fatores estressantes percebidos com o novo formato de ensino. Estes sintomas também foram evidenciados no estudo de Ribeiro (2020) que apontou que eles são desencadeadores de sentimentos derivados de antecipação de que algo de errado irá ocorrer, como também, se já está em posição de perigo. Ao se comparar aos dados obtidos neste estudo, observa-se que um total de 7 (46,67%) participantes indicou níveis moderados e altos de estresse.

Outros estudos também identificaram níveis consideráveis de estresse em professores, como a pesquisa de Gomes, et al. (2010) com professores portugueses que indicam 40% dos participantes com estresse. No estudo realizado por Horner et al. (2021) todos os professores participantes apresentaram estresse, entre os quais 90,47% (f=48) apresentaram médio nível de estresse e 9,43% (f=5) obtiveram baixo nível de estresse. O estresse ocupacional se enquadra como síndrome, caracterizado como esgotamento emocional relacionado ao trabalho. Neste sentido, é primordial que se desenvolvam estratégias nas escolas que visem diminuir os sinais de estresse (DEFFAVERI; MÉA; FERREIRA, 2020).

Em relação a isso, a Secretaria de Educação Básica (SEB) vem desenvolvendo junto com o Ministério da Educação (MEC), ações que possibilitem a universalização do acesso à internet por os estudantes, através do Programa de Inovação Educação Conectada, apoiando as tecnologias digitais na educação básica, seu uso pedagógico, principalmente direcionado àquele público que reside em lugares remotos do País. Além disso, o MEC vem apoiando três programas: Amazônia Conectada, Norte Conectado e Nordeste Conectado, que visa auxiliar a implementação do uso da internet possibilitando uma prática de explorações dos conteúdos disponibilizados por meios digitais (BRASIL, 2021).

O Ministério da Educação (MEC) juntamente com a Secretaria de Educação Básica (SEB), lançou um curso de aperfeiçoamento de Bem-Estar no contexto escolar, com objetivo de auxiliar no acolhimento de todos os envolvidos na comunidade escolar, professores, gestores, estudantes, disponibilizando conteúdos sobre emoções e saúde mental, contendo três módulos: (1) Bem-estar e comunidade escolar; (2) Saúde mental e Saúde emocional e (3) Educação e bem-estar na pandemia da COVID-19, curso este que tem ênfase no atual momento que estamos vivendo (BRASIL, 2021).

Devido ao afastamento físico, neste estudo os professores afirmaram ter modificado suas metodologias de ensino e recorrido a vídeo aulas, *Power Point* e entrega de materiais didáticos na escola para serem repassados para as famílias, com intuito de respeitar o isolamento social e manter o aluno nos estudos. Em consonância com este dado, uma pesquisa realizada pelo Comitê Gestor de Internet no Brasil (CGI, 2021), mostrou que em torno de 50% dos alunos de 16 anos utilizaram as tecnologias com enfoque de pesquisa relacionada as realizações de atividades. Porém, as desigualdades tecnológicas estiveram mais presentes no contexto pandêmico, afetando o uso das tecnologias.

O estudo do CGI (2021) também apresentou redução de usuários com acesso à internet pelo celular, usando os dados móveis, mas a região Nordeste apresentou aumento de usuários que usaram WiFi entre os usuários do ensino fundamental de idade entre 16 a 24 anos. Além disso, o uso de estratégias *off-line*, como: entregas de materiais impressos nas escolas para ser repassados aqueles que não possuem tecnologias em suas residências foi mais presente na Região Norte, esta estratégia educacional foi pensada naqueles que são os mais vulneráveis. O Nordeste apresentou uma estimativa do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação em domicílios elevados, ficando em segundo lugar em relação aos demais estados (CGI, 2021).

Todavia, percebe-se a insatisfação para com seus superiores, associando-lhes a falta de estrutura hierárquicas com relação aos coordenadores e gestores nas respostas dos participantes deste estudo nos itens 03, 08 e 11 da escala de estresse no trabalho, indicando scores acima de 3 pontos. O estudo de Carvalho (2018) demonstrou que além das funções hierárquicas no contexto educacional em que a coordenação ocupa um lugar burocrático de controle e cobrança, assim como também de apoio aos colegas, são agregados a esta função as fichas para serem planejadas e cumpridas, o que pressiona os professores a desenvolver novas habilidades, seja presencialmente ou a distância, em busca dos melhores resultados (MATTOS et al., 2015).

Diante dos achados científicos, percebe-se a escassez de estudos sobre o estresse ocupacional na docência presentes na pandemia do novo coronavírus, faz-se necessário a realização de novos estudos no âmbito nacional e internacional, na ampliação das perspectivas biopsicossociais para a docência, em que cabe as Secretarias de Educação, nos diferentes níveis gestões, repensar em suas estratégias na redução das sobrecargas de trabalho, assim como o investimento na saúde do trabalhador de educação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante deste atual contexto, foi possível visualizar através dos dados obtidos a realidade dos professores do ensino Fundamental II da rede pública do município de Floresta-PE acerca do contexto de ensino remoto na pandemia da COVID-19, mais estritamente, os processos de adaptação frente as mudanças das condições de trabalho na utilização dos dispositivos tecnológicos.

O novo modelo de ensino foi percebido com um fator estressor, de modo que os docentes foram obrigados a se reorganizar em suas atividades domésticas com o *home-office*, além de apresentarem dificuldades em buscar a atenção dos alunos e a falta de tecnologias adequadas por parte dos alunos. Posto isto, o presente estudo mostra um pequeno recorte de uma realidade vivenciada por profissionais da educação, que mesmo sem formação nas tecnologias digitais adequadas, buscaram se reinventar em seus métodos de ensino, para lecionar um ensino de qualidade aos seus alunos.

O estudo foi de grande relevância para compreender as dificuldades psicossociais que os professores tiveram em um novo modelo de ensino, pois muitos não estavam familiarizados com o ensino remoto. Além disso, trouxe contribuições científicas, visto que, tratou de uma temática relacionada a um contexto pandêmico, havendo poucos estudos na literatura, especificamente quando se trata dos relatos de vivências de uma classe profissional importante para a sociedade, como a docente

É relevante mencionar a importância de que com esse novo modelo de ensino a formação tecnológica dos docentes seja reforçada, para que possam conduzir suas aulas com maior qualidade junto aos seus alunos. Percebe-se também que os fatores estressores presentes em 7 participantes dos 15, salientando-se os itens da escala 3, 8 e 11 referente a insatisfação com seus superiores e a competição com seus colegas. Estes dados foram representativos, uma vez que níveis moderados ou altos de estresse afetaram quase metade da amostra. Além disso, os relatos dos participantes sobre as modificações de ensino e as dificuldades enfrentadas por eles, como: a falta dos recursos tecnológicos adequados e a interação com os alunos, portanto, ressalta a necessidade de criação de programas de cuidado a saúde física e emocional dos docentes por parte da secretaria de educação em articulação com a secretaria de saúde.

Considerando pontos relevantes que foram mostrados, algumas limitações existiriam ao decorrer da pesquisa, entre elas a aplicação dos instrumentos por via remota, pois não foi possível

acontecer presencialmente, havendo dificuldades dos participantes em acessar os instrumentos e TCLE, por falta de habilidades tecnológicas. Além disso, destaca-se a reduzida amostra dessa pesquisa que não contemplou o quantitativo geral dos profissionais do fundamental II do município de Floresta-PE. No entanto, foram encontrados dados que puderam mostrar alguns recortes do contexto atual.

Por fim, sabemos que a pesquisa foi realizada em uma cidade de pequeno porte no interior de Pernambuco, instigamos ao leitor pensar em novas pesquisas sobre estresse ocupacional no ensino remoto em âmbito estadual e nacional, como também realizar estudos com professores do ensino superior. É interessante ainda estudos comparativos dos níveis de estresse nos estados brasileiros, para verificar aspectos culturais envolvidos, e compreender como os professores vem lidando com o ensino em situações emergenciais.

5 REFERÊNCIAS

- BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn1.pdf>. Acesso em: 20 outubro 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **MEC lança curso sobre Bem-Estar no contexto educacional.** Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em:< [MEC lança curso sobre Bem-Estar no Contexto Escolar — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br)>. Acesso em: 01 de maio de 2021
- BRASIL. Ministério da Educação. **Portaria n. 544 de 16 de junho de 2020.** Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais, enquanto durar a situação de pandemia do novo coronavírus - Covid-19. 2020a. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/docman/agosto-2020-pdf/153561-pcp010-20/file>>. Acesso em: 08 de outubro de 2020.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Secretaria de Educação Básica trabalha em ações para os alunos terem acesso à internet no ensino de base público.** Brasília: Ministério da Saúde, 2021. Disponível em:< [Secretaria de Educação Básica trabalha em ações para os alunos terem acesso à internet no ensino de base público — Português \(Brasil\) \(www.gov.br\)](http://www.gov.br)> Acesso em: 02 de Outubro de 2020
- BRASIL. Ministério da Saúde. **O que é Covid-19.** Brasília: Ministério da Saúde, 2020. Disponível em:< <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>. Acesso em: 01 outubro 2020.
- CARVALHO, Marília P. As professoras e o pagamento de bônus por resultado: o caso da rede estadual de São Paulo. **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 34, n. 72, p. 187-207, nov./dez. 2018. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.59799> Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/er/a/yd7B7LK6SYHWZHVqD7Fv8Rxm/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 24 de maio de 2021.
- CGI. **Pesquisa web sobre o uso da internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus.** CGI. BR, São Paulo, 2021. Acesso em: 10 de maio de 2021. Disponível em: <[Pesquisa web sobre o uso da Internet no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus – Painel TIC COVID-19 \(cgi.br\)](http://www.cgi.br)>. Acesso em: 10 de Maio de 2021
- CLARO, G. R. (2009) **Trabalho docente e saúde mental: um estudo de estresse no sistema de ensino municipal de Curitiba.** 135f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2009.
- DEFFAVERI, Maiko; MEA, Cristina Pilla Della., & FERREIRA, Vinícius Renato Thomé. Sintomas de Ansiedade e Estresse em Professores de Educação Básica. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 50, n. 177, p. 813-827. <https://doi.org/10.1590/1806-9304202100s100013> Disponível em: <[SINTOMAS DE ANSIEDADE E ESTRESSE EM PROFESSORES DE EDUCAÇÃO BÁSICA \(scielo.br\)](http://www.scielo.br)>. Acesso em: 11 de Maio de 2021
- DIEHL, Liciane., & MARIN, Angela Helena. (2016) **Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura.** *Est. Inter. Psicol.*, Londrina, v. 7, n. 2, p. 64-85, . Disponível em: < [Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura \(bvsalud.org\)](http://www.bvsalud.org)>. Acesso em: 11 de Maio de 2021
- FERREIRA, Januário Justino., &PENIDO, Laís de Oliveira. (2013). **Saúde Mental no Trabalho: coletânea do fórum de saúde e segurança no trabalho do Estado de Goiás.** Goiânia: Cir Gráfica. Disponível em:< <https://bibliotecaprt21.files.wordpress.com/2013/09/livro-saude-mental-no-trabalho-2013-prt18.pdf>>. Acesso em: 22/10/2020. FLORESTA-PE. Lei de Nº850/2021. **Professor Conectado** Disponível em:< [lei-850-2021.pdf \(floresta.pe.leg.br\)](http://www.floresta.pe.leg.br)>
- FLORES, A. D. M.; RIBEIRO, Luciano Maciel., & ECHEVERRIA, Evandro Luiz. (2017). A tecnologia da informação e comunicação no ensino superior: Um olhar sobre a prática docente. **Spacios**, v. 38, n. 5, p. 1-14,. Disponível em:<[a17v38n05p17.pdf \(revistaespacios.com\)](http://www.revistaespacios.com)>. Acesso em: 22 de Maio de 2021.
- GOMES, A. Rui et al. (2010). Stress ocupacional no ensino: um estudo com professores dos 3º ciclo e ensino secundário. **Psicologia & Sociedade** [online]. v. 22, n. 3, 2010. pp. 587-597. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/kxV99jNhfsPCzyDHTx8YfYc/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 de Maio de 2021. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822010000300019>

- HORNER, Andreas; HORNER, Christine; JACOBI, Lucianef; SERAFIN, Marissa B.; BELTRAME, Valmir., & RIBEIRO, Tiango A. (2021). Nível de estresse ocupacional e atividade física em professores de uma escola estadual. **Revista Saúde (Sta Maria)**, v. 47, n. 1. Disponível em : <https://periodicos.ufsm.br/revistasauade/article/view/63926> Acesso em: 27 de Maio de 2021. DOI: <https://doi.org/10.5902/2236583463926>
- HONORATO, Hercules Guimarães., & MARCELINO, Aracy Cristina Kenupp Bastos. (2020). A arte de ensinar e a pandemia COVID-19: a visão dos professores. **REDE-Revista Diálogos em Educação ISSN 2675-5742**, v. 1, n. 1, p. 208-220. Disponível em: <[Honorato: A arte de ensinar e a pandemia COVID-19:... - Google Acadêmico](#)>. Acesso em: 24 de maio de 2021.
- IPOG. Aula remota não é EAD? Entenda as diferenças e todas as vantagens. **IPOG**, 22 maio 2020. Disponível em: <[Aula remota não é EAD? Entenda as diferenças e todas as vantagensIPOG](#)> Acesso em: 01 de Fevereiro de 2021.
- MATTOS, Carlos A. C et al., Contexto de Trabalho: Uma Investigação entre Professores e Técnicos Administrativos de uma Instituição Federal de Ensino Superior. Revista de Estudos Sociais, v. 17, nº. 33, 2015, p. 72-91. Disponível em: <Dialnet-ContextoDeTrabalho-5156639.pdf> Acesso em: 24 de maio de 2021**
- OIT. Organização Internacional do Trabalho. **COVID-19 and the world of work: Impact and policy responses. International Labour Organization**, 2020. Disponível em: <https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/documents/briefingnote/wcms_738753.pdf>. Acesso em: 28 de outubro 2020.
- PAES, Francisco Cleyton de Oliveira., & FREITAS, Samya Semião. (2020) Trabalho docente em tempos de isolamento social: uma análise da percepção do uso das tecnologias digitais por professores da educação básica pública. **Revista Linguagem em Foco**, v.12, n.2, 2020. p. 129 - 149. Disponível em: <[4050-Texto do manuscrito com identificação-14880-1-10-20200921.pdf](#)>. Acesso em: 02 de Março de 2021.
- PASCHOAL, Tatiane., & TAMAYO, Álvaro. (2004) Validação da Escala de Estresse no Trabalho. **Estudos de Psicologia**, Universidade de Brasília: v. 09, p. 45-52, 2004. Disponível em: <[Revista.pmd \(scielo.br\)](#)> Acesso em: 30 de outubro 2020.
- PEREIRA, Érico F. et al. (2014). Estresse Relacionado ao Trabalho em Professores de Educação Básica. **Cienc Trab. Santiago** dic., v.16 n.5, 2014. <http://dx.doi.org/10.4067/S0718-24492014000300013>. Acesso em: 13 de novembro de 2020.
- RIBEIRO, Raquel Correa., & ARANTES, Ana Claudia Yamashiro. (2020). **Trabalho Docente: Reflexões Sobre o Estresse e Adoecimento**. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso). Faculdade de Educação e Meio Ambiente, 2020. Disponível em: <<http://repositorio.faema.edu.br/bitstream/123456789/2747/1/RAQUEL.pdf>>. Acesso em: 24 de Maio de 2021.
- SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix dos; SILVA, Maria Elaine da., & BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife , v. 21, supl. 1, p. 237-243., Disponível em: <[COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários \(scielo.br\)](#)>. Acesso em: 24 de Maio de 2021
- SANTOS, HMR d. Os desafios de educar através da Zoom em contexto de pandemia: investigando as experiências e perspectivas dos docentes portugueses. **Práxis Educativa**, v. 15, n. e2015805, p. 1-17, 2020. Disponível em:<<https://revistas2.uepg.br/index.php/praxiseducativa/article/view/15805/209209213515>> Acesso em: 22 de Maio de 2021.
- SARAIVA, Karla et al. (2020). A educação em tempos de COVID-19: ensino remoto e exaustão docente. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 15, e2016289, p. 1-24, 2020 Disponível em: : <[16289-Texto do artigo-209209228987-1-10-20200814.pdf](#)> . Acesso em: 24 de Fevereiro de 2021.
- SOUZA, Kátia R. et al. (2020). Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 19, 2020. <https://doi.org/10.1590/1981-7746-sol00309>. Acesso em: 26 de outubro de 2020.
- VISENTINI, Monize S. et al. (2009) Estudo dos Fatores de Stress Ocupacional em Restaurantes Públicos e Privados: Aplicação da Escala de Stress no Trabalho (ETT). **XXIX Encontro Nacional de Engenharia de Produção**. Salvo-BA, Brasil, 06 a 09 de outubro de 2009. Enegep 2009 094-634-13317. Acesso em: 31 de outubro de 2020.
- WEBER, Lidia N. Dobrianskyj et al. (2015). O Estresse no Trabalho do Professor. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 3, p 40-52, 2015. <[O estresse no trabalho do professor | <p>Imagens da Educação </p>ISSN 2179-8427 \(uem.br\)](#)>. Acesso em: 24 de novembro 2020.

Recebido em: 12 de junho de 2020
Avaliado em: 14 de julho de 2020
Aceito em: 21 de dezembro de 2020

¹ Bacharelada em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco (FACESF)
 E-mail: simaragomes21@hotmail.com

² Professora do curso de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas e Exatas do Sertão do São Francisco (FACESF); Especialista em Gestão em Saúde (UNIVASF); Especialista em Gestão de Pessoas (UFBA); Mestre em Psicologia (UNIVASF). E-mail: liberalinagondim@gmail.com